

UMA PIRUETA, DUAS PIRUETAS – BRAVO, BRAVO

Breno Fernandes — bfernandes@grupoatarde.com.br

Mesmo faltando mais de um mês para a primavera, os últimos dias haviam sido bastante quentes em Salvador. Naquela sexta-feira, os termômetros espalhados pela cidade indicavam 29°C.

– Que calor, hein? – comentou o treinador, logo ao chegar ao ginásio, enquanto apertava a mão de José Antonio.

Por sorte, a academia ficava em frente ao mar, num galpão de tamanho razoável no segundo andar do Colégio Integral, no Jardim dos Namorados. A brisa marítima ajudava muito a amenizar a temperatura lá dentro.

Ali, ao lado do tradicional barzinho Caranguejo de Sergipe, que logo mais estaria lotado de gente a fim de beber e conversar, e da badalada boate Fashion Club, que, por sua vez, às 22h atrairia centenas de jovens para beber, dançar, se drogar e transar numa festa intitulada Blackout Fashion, onde as únicas fontes de luz seriam pulseirinhas fluorescentes distribuídas na entrada – ali ao lado, às segundas, quartas e sextas, treinam os poucos integrantes da única academia de ginástica olímpica da Bahia, a Olímpica Esportes, propriedade de Ana Paula Gonçalves, Ana Cristina Gordilho e Luiz Eduardo de Andrade e Silva, justamente o treinador que acabara de entrar comentando sobre o tempo.

Ao contrário dos outros dois dias, nos quais o treino ia das 16h às 19h, as sextas eram mais leves, das 15h às 17h, e reservado para os membros da equipe representante – oito no total. Mas naquela sexta, 11 de agosto, só três integrantes compareceram: Carol Alves, 11 anos (oito de ginástica olímpica); Paulo Macena, 13 anos (dois de ginástica olímpica) e José Antonio Lima, 19 anos (11 de ginástica olímpica).

José Antonio de Carvalho Lima Filho, ou Zé, como é chamado por lá, mede 1,62m e tem rosto de pré-adolescente, com destaque para os cabelos finos e o nariz afilado. Por isso, o apelido de infância, que ele adora e pelo qual prefere ser tratado, lhe cai tão bem até hoje: Mion.

– Na primeira série, eu era muito menor que os outros. Uma professora de educação física dizia que eu era todo pequenino e fofinho, que nem um filé mignon. Aí pegou. No começo eu não gostava, mas foi só até tirarem o Filé – conta ele, dando uma gostosa risada.

Mion não somente é o veterano-mor da casa, como o mais velho ginasta que ainda compete no estado, integrante da seleção da Federação Baiana de Ginástica.

– É que aqui, na Bahia, a ginástica olímpica tem pouca gente, e o nível é muito baixo – diz. Com muito mais prumo que modéstia, é essa mesma explicação que ele atribui ao fato de ser hexacampeão estadual – venceu em 98, 2001, nas duas edições de 2002, 2004 e em 2005, sendo que, com exceção do primeiro, onde faturou dois ouros e duas pratas, ganhou todas as medalhas de ouro nos campeonatos seguintes, e fala com convicção que só não ganhou nos demais anos porque não participou.

Por outro lado, é inegável o grande talento de Mion: mesmo com todas as limitações de falta de aparelhos e de patrocínio, das cinco vezes que participou do Torneio Nacional, ganhou medalha de bronze em duas delas: em 2005, em Goiânia, na categoria equipe – e olha que ele era o único integrante da “equipe”, mas alcançou uma pontuação tão alta que lhe permitiu subir no pódio –, e em 2006, em Vitória, na categoria individual geral. Do Campeonato Nacional, Mion nunca participou.

A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) realiza, todo ano, uma edição do Campeonato Nacional e duas do Torneio Nacional. São os eventos mais importantes para os atletas brasileiros. Acima deles, só as olimpíadas e os mundiais, que acontecem nos anos pares não-olímpicos, organizados pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), instituição-mor, com sede na Suíça. A FIG é quem determina as regras da ginástica olímpica.

As competições envolvem seis provas masculinas e quatro femininas, realizadas conforme uma ordem chamada ordem olímpica. No masculino, tem-se:

- 1) Exercícios de solo: o ginasta tem entre 50 e 70 segundos para realizar uma série de movimentos dentro de um tablado quadrangular de 12m de lado;
- 2) Cavalo com alça: um aparelho de 1,60m de comprimento, 1,05m acima do solo, no qual o atleta, sustentando todo o peso do seu corpo apenas com as mãos, tem de executar movimentos contínuos;
- 3) Argolas: a 2,55m do solo, o ginasta tem de se movimentar sem que elas se mexam;
- 4) Salto sobre cavalo: com a ajuda de um trampolim, o competidor salta o aparelho tendo previamente avisado aos árbitros qual tipo de salto faria. Até as Olimpíadas de Sidney, usava-se um cavalo semelhante ao do item 2, contudo, devido ao grau de dificuldade dos exercícios, o aparelho cresceu: passou a ter 1,20 x 0,90m e a ficar 1,35m do solo; agora, é também chamado de mesa de salto;
- 5) Barras paralelas: a 1,75m do solo, deve-se executar os movimentos de maior dificuldade quando ambas as mãos não estiverem em contato com as barras;
- 6) Barra fixa: a 2,55m do solo, nela é preciso estar em constante movimento, que varia entre giros e mortais.

Já as provas femininas são:

- 1) Salto sobre cavalo: e a única diferença é que ela fica a 1,25m do solo;
- 2) Barras assimétricas: duas barras paralelas (a mais baixa a 1,40m do solo; a mais alta a 2,35m), cuja distância varia em até 1,60m, nas quais se realiza giros e mortais;
- 3) Trave de equilíbrio: a 1,25m do solo e com apenas 10cm de largura, nela as ginastas executam movimentos rápidos e lentos, envolvendo saltos, giros e coreografias;
- 4) Exercício de solo: para as mulheres, há acompanhamento musical (orquestrado e sem canto) e o tempo varia entre 60 e 90 segundos.

As competições, no geral, duram quatro dias. No primeiro, as eliminatórias, todos os ginastas competem, e são classificados os 24 primeiros para a final individual geral, que acontece no terceiro dia. Já os oito melhores em cada prova irão para a final por prova, no último dia, onde determinar-se-á o melhor no salto, na barra e assim por diante. As

oito melhores equipes também têm bis, logo no segundo dia; a diferença é que, nas eliminatórias, dos cinco membros de cada equipe competidora, apenas as quatro melhores notas contam. Na final, são apenas três membros competindo – e todas as notas são válidas.

As especialidades de Mion são solo e salto sobre cavalo, apesar de não haver um novo modelo de cavalo na sua academia, necessidade suprida com a junção de dois protótipos antigos. Mion, inclusive, gostou muito da mudança.

– Ficou melhor para saltar; eu não fico com tanto medo; principalmente para fazer o *tsukahara*, que é um elemento de entrada lateral, seguida de um mortal.

Medo? Não é estranho um ginasta olímpico ter *medo* de fazer acrobacias?

– De forma alguma. O medo, na ginástica olímpica, é bom e é ruim. É bom porque te deixa precavido, faz com que você tenha cuidado em cada movimento que fizer, o que acaba fazendo você ter um desempenho melhor. É ruim porque tem dias que toma conta de você e aí não dá pra fazer o movimento. Você simplesmente trava.

Naquela sexta, Mion encarou pela primeira vez um duplo estendido no solo, movimento que consiste em correr, dar uma pirueta para frente com o apoio das mãos (rondante), dar uma segunda, já girando o corpo para trás (*flick*) e, por fim, dar um altíssimo mortal de costas, com o peito apoiado nas pernas, por sua vez estendidas, até cair no colchão, de pé, numa pose graciosa. É um movimento difícil e perigoso, e antes de se arriscar a fazê-lo como deve ser feito na competição, o treinador preparara o atleta utilizando um monte de colchões, para ensiná-lo as maneiras corretas de cair, sem se machucar. Mas, por melhor que tenha sido desenvolvido um movimento, é comum sentir uma dorzinha aqui ou ali. Nos longos momentos de pausa entre uma repetição e outra do mesmo movimento, é comum ver os ginastas observando seus colegas e massageando as juntas dos pulsos, joelhos e tornozelos. No terceiro duplo estendido, Mion faz uma pausa e improvisa um tensor para o tornozelo direito.

A certa altura o treinador vem ajudá-lo com o elemento final do movimento – sair do *flick* e dar o mortal –, fazendo observações sobre posicionamento do corpo e velocidade impossíveis de um leigo perceber.

– Zé, lembre-se que, na ginástica, o que vale não é só o final: é tudo; cada movimento.

De fato, aos juizes cabe avaliar o desempenho e aferir uma nota ao atleta baseados no grau de dificuldade do movimento feito, na sua combinação, na execução de cada um deles e também na originalidade.

– Mais uma vez, vamos lá. Quando quiser – diz o treinador, pondo-se ao lado do colchão que vai aparar o atleta.

Luiz Eduardo passa longe de ser um leigo. Já tem 30 anos de ginástica, e chegou a fazer parte da seleção brasileira na década de 70. Carioca, veio a Salvador em 2000 para um workshop na Olímpica, e aí conheceu Ana Cristina. Um romance entre os dois começou a ser engendrado e culminou com sua mudança dois anos depois. Hoje, são casados e têm uma filha pequena.

Luiz não faz o tipo treinador durão; muito pelo contrário – faz o tipo tio bacana, aquele que todos adoram. Nunca levanta o tom da voz, elogia bastante o esforço de seus pupilos, faz troça e adora frases de efeito como “ginástica é precisão”, “pense o movimento”. O clima, nos treinos, é bastante agradável. Para Mion, é o melhor treinador pelo qual passou.

Após uma hora e muita pressão sobre os joelhos, Luiz Eduardo pede a Mion e aos demais que relaxem um pouco na cama elástica. Relaxar, neste caso, é dar mortais. Mion domina muito bem o mortal duplo (girar duas vezes no ar, antes de cair virado para o lado oposto ao do ponto de início), mas não vai tão bem no duplo e meio.

– É só você dar meia volta a mais – diz Luiz Eduardo. – Eu não entendo pra que toda a mudança de movimento que você faz.

Mion tem medo.

Movimento, movimento, movimento. É a palavra que mais se ouve quando o assunto é ginástica olímpica. E eles têm de ser elegantes e demonstrar força, agilidade, flexibilidade, coordenação, equilíbrio e controle de corpo, o que não é fácil. Por isso é tão importante começar o treinamento desde bem cedo. Mion entrou aos oito. Luiz Eduardo, na sua época, entrou “velho” – aos 13. O que seria bastante difícil caso se tratasse de uma mulher, pois, sem essa preparação do corpo pré-púbere, fica difícil atender aos requisitos que facilitam a atividade, quase condição sine qua non, a saber: baixa altura, pouco peso e pernas robustas e resistentes. Um dos méritos de Daiane dos Santos foi ter começado a treinar com 11 anos. Este pouco tempo de treino aliás, fazem dela ainda uma ginasta suja, no jargão do meio. Ou seja: alguém cujos movimentos têm algumas deficiências, como uma perna dobrada ali, uma saída do eixo acolá.

Na última meia hora de treino, todos já estavam exaustos, jogados em algum canto do galpão cheio de colchões. Luiz, então, os liberou. Mion pegou sua mochila e partiu para o banheiro. Depois, esperaria por uma amiga, e de lá iriam para o boêmio bairro do Rio Vermelho – conversar apenas, Mion não bebe.

Mal sabiam eles que aquela sexta-feira, 11 de agosto, era muito especial para si próprios: há exatos 228 anos, na região noroeste da Alemanha, numa cidade chamada Lanz, nascia aquele que viria a ser conhecido como o pai da ginástica: Friedrich Ludwig Jahn.

O ufanismo exacerbado foi o que moveu Friedrich L. Jahn em toda a sua trajetória. Já vivendo em Berlim e frequentando a universidade, onde estudou teologia e filologia, viajava bastante pelo país, tomando notas dos costumes, das peculiaridades de cada canto, e escrevia textos exaltadores do ideal patriótico. Em 1806, alistou-se no exército, disposto a dar sua contribuição nas Guerras Napoleônicas. Entretanto, como já é sabido, aquela época era o auge do imperador francês. O jovem Jahn nem mesmo teve a chance de estar num front: em 14 de outubro, no platô oeste do rio Saale na atual Alemanha, travou-se a Batalha de Jena-Auerstedt, que deixaria a Prússia sob total controle de Napoleão, eliminando-a da Quarta Coalizão anti-França, formada também por Inglaterra

e Rússia. 107 mil soldados franceses versus 101 mil prussianos. 12 mil baixas francesas contra 38 mil do lado derrotado (além de 115 armas perdidas).

Nos tempos seguintes, o moral do país não poderia estar mais baixo. Contudo, entre 1810 e 1811, Jahn, o exército de um homem só, daria uma das maiores, senão a maior das, contribuições para seu povo dar a volta por cima. Um ano antes, tentara engendrar, sem sucesso, uma carreira acadêmica; então se voltou para o ensino fundamental. Em 1810, introduziu atividades ginásticas aos seus estudantes, cuja relevância já vinha sendo discutida por grandes pedagogos há um século. Jahn foi o inventor da maior parte dos aparelhos usados hoje na ginástica olímpica. Seu intuito era se utilizar dos exercícios não só para dar força física aos alunos como para encetar-lhes amor pelo seu país e pela liberdade.

Ainda em 1810, Jahn publicou seu mais importante livro, intitulado *O Nacionalismo Alemão*, que causou frisson em todo país, e, junto a amigos acadêmicos, fundou uma sociedade secreta de intelectuais, a Deutschen Bund (Federação Alemã), com o intuito de buscar alternativas para livrar a Alemanha das garras francesas.

Em 1811, um dos maiores sonhos de Jahn tornou-se realidade. Em 18 de junho, Dia Internacional dos Prodígios Humanos, foi inaugurado em Berlim, no bairro de Hasenheide, o primeiro ginásio de ginástica, a céu aberto, chamado por aquelas plagas de Turnplatz. 500 jovens lhe acompanharam nesta empreitada. Jahn esperava formar um poderoso exército capaz de morrer pelos seus ideais. E conseguiu.

Em 1813, ao lado de seus pupilos, conhecidos como Turners e vindos de todas as partes do país, e de intelectuais como os poetas Karl Theodor Körner e Joseph von Eichendorff, tomou parte ativa na formação do Corpo de Voluntários Lützow, sob o comando-geral de Ludwig Adolf Wilhelm, o Barão de Lützow. A motivação dos voluntários era tamanha que, não bastassem serem uma força não-remunerada, equiparam-se e supriram-se por conta própria, uma vez que o capenga exército prussiano não tinha condições de fazê-lo. O batalhão tinha 2900 homens na infantaria, 600 na cavalaria e 120 na artilharia, aberto a variações.

Por motivos de saúde, Jahn foi obrigado a abandonar o campo de batalha demasiado cedo, mas, em reconhecimento pela sua participação, o governo lhe presenteou com um bom honorário. Um ano depois, o Lützow se dividiria em dois regimentos, que continuaram a lutar até o fim. Ironicamente, em 18 de junho de 1815, exatamente três anos após a criação do ginásio olímpico que gerou tantos bons soldados, Napoleão sofreu sua derrota decisiva em Waterloo. Neste ínterim, Jahn casou-se e teve filhos, ao passo que preparava seu novo livro, *A Ginástica Alemã*, que viria a ser lançado um ano depois.

1817 seria o clímax da filosofia jahniana. Mais de 100 academias se espalharam pela Alemanha. O número de inscritos em seu ginásio, no bairro de Hasenheide, ultrapassava os 1000. Jahn dava muitas palestras, atacando, não sem certa violência, esta sempre inerente à paixão, pontos frágeis da estrutura governamental alemã, o que lhe valeu muitos aliados entre o povo e, principalmente (e não inesperadamente), muitos inimigos entre os governantes.

Em maio de 1819, Karl Sand, membro da Jena Burschenschaften, uma das muitas

fraternidades estudantis que foram surgindo na época, inspiradas na Deutschen Bund, assassinou o dramaturgo, jornalista e espião da Rússia August von Kotzebue, que tratava com escárnio a luta por instituições livres em colunas semanais no periódico *Literarisches Wochenblatt*. Imediatamente, este evento deslocado foi tratado como grande conspiração envolvendo todas as Burschenschaften, Jahn e seus Turners. O que resultou no fechamento da Turnplatz, numa nova regulamentação governamental que tornava ilegal a criação de fraternidades e a prática da ginástica e na prisão efetiva de Jahn, um mês depois, arrastado do pé da cama onde zelava pelo filho doente.

Jahn ficaria na cadeia até 1824, quando, proibido de morar num raio de 16 quilômetros de Berlim, foi se estabelecer no extremo sudoeste do país, na cidade de Freiburg, onde viveu até sua morte, em 15 de outubro de 1852, época em que já não era muito admirado. Jahn ainda viveria outros altos e baixos, como se eleger membro do Parlamento Nacional e perder a casa num incêndio; e também teria a alegria de ver a ginástica voltando à cena alemã em 1842, com imediata criação de várias academias.

Contudo, com a proibição da ginástica na Alemanha, muitos atletas emigraram para outros países, a fim de poder continuar a prática, bem como de mostrá-la aos demais povos. A Suíça foi pioneira na criação de uma Federação de Ginástica, em 1832. Foi logo seguida por outros e, em 1881, foi criada a Federação Européia de Ginástica, que viria a originar a Federação Internacional de Ginástica quarenta anos depois.

Aqui no Brasil, a ginástica chegou em 1824, por meio da colonização alemã – principalmente na região sul. Foi em Santa Catarina que surgiu a primeira organização ligada ao esporte, a Sociedade de Ginástica de Joinville, criada em 1858, a mais antiga da América do Sul.

Engana-se quem pensa que ginástica é sinônimo de ginástica olímpica. Na verdade, existem seis modalidades de ginástica: a geral, a rítmica desportiva, a aeróbica esportiva, a acrobática, o trampolim acrobático e a ginástica olímpica, esta última muitas vezes chamada de ginástica artística.

Numa rápida tentativa de explicar as demais, poder-se-ia dizer que:

A ginástica rítmica desportiva (GRD) é exclusivamente feminina – exceto no Japão. As atletas competem manipulando arco, bola, corda, fita e maças. As competições podem ser individuais ou entre equipes de cinco. Os critérios de avaliação são saltos, equilíbrio, flexibilidade, manuseio do aparelho e efeito artístico.

Já a ginástica aeróbica esportiva consiste na realização de coreografias que demonstrem força, agilidade, sincronismo e plástica. As categorias são: trio, duplas, individual masculino e individual feminino.

Na ginástica acrobática se realizam séries coreográficas acompanhadas de música. As categorias são: masculina (com duplas ou quartetos), feminina (duplas ou trios) e mista (somente dupla).

O trampolim acrobático é mais conhecido como cama elástica. O ginasta faz exercícios

em uma cama elástica alta. Há apresentações individuais e em dupla – nesta última, os movimentos têm de ser sincronizados.

Por fim, a ginástica geral é a conhecida ginástica localizada dos leigos, onde se realizam exercícios com número elevado de repetições para grupos musculares distintos, a fim de moldá-los. Não tem caráter competitivo – é meramente contemplativo –, mas nem por isso deixa de se apresentar. A FIG, anualmente, promove aos praticantes de geral a Gymnaestrada Mundial. A CBG, por estas bandas, organiza o Gymbrasil.

De todas, somente três integram o programa dos Jogos Olímpicos: a rítmica desportiva, a olímpica e o trampolim, sendo este último o mais recente de todos, inaugurado nas Olimpíadas de Sidney em 2000. O Comitê Olímpico Internacional mantém tais limites para evitar o gigantismo das competições. Hoje, para uma nova modalidade entrar, uma deve sair. Essa decisão é tomada a partir de análises técnicas do esporte, modalidade ou prova. O Cabo-de-guerra, por exemplo, permaneceu de 1900 a 1920; as Doze Horas de Ciclismo, por sua vez, só existiram na primeira das olimpíadas, a de 1896, em Atenas.

No caso da ginástica olímpica, ela esteve presente desde o começo. Em 1896, das 28 medalhas de ouro, os alemães levaram 25, seguidos de longe pelos gregos, com duas – argolas e subida na corda –, e pela Suíça, com uma – cavalo com alças. Subida na corda? Sim. Antes do surgimento da FIG, as provas sofriam várias tentativas de inovação, como em Estocolmo, em 1912, onde inventaram de avaliar o pulo do alto de uma escada.

Às mulheres, só foi permitido competir a partir da nona edição, em 1928, em Amsterdã (o ouro foi para as holandesas), mas não participaram na décima, em Los Angeles, estabelecendo-se definitivamente somente na edição seguinte, em Berlim.

Em 1974, o Brasil levou, pela primeira vez, uma equipe para o Campeonato Mundial, na Bulgária. Nas olimpíadas, a ginástica olímpica brasileira só deu o ar da graça em 1980, em Moscou, com Claudia Magalhães e João Luiz Ribeiro. Em 1988, em Seul, a carioca Luiza Parente foi a primeira ginasta a ir para uma final, e terminou em 34ª colocação (de 36), sendo desbancada somente doze anos depois pela paulista Daniele Hypólito, que conseguiu ir a todas as finais de Sidney e terminar na 21ª colocação no individual geral, 17ª nas barras assimétricas e no solo e 16ª na trave de equilíbrio. Um ano depois, 2001, a talentosíssima Daniele trouxe a primeira medalha de um mundial para o Brasil – foi prata no solo.

Para fazer história na ginástica olímpica é preciso surpreender. Como a romena Nadia Comăneci, que, em 1961, foi a primeira a receber uma nota dez – fato que se repetiria mais seis vezes naquela competição –, o que, em outras palavras, significa atingir a perfeição. A nota máxima veio nas barras assimétricas, no dia das qualificatórias para os Jogos Olímpicos de Montreal, e o placar do ginásio não estava preparado para mostrar notas acima de 9,99; teve então de improvisar, com um 1,00.

Ou como o bielo-russo Vitaly Scherbo, que, aos 20 anos, nos Jogos Olímpicos de Barcelona, em 92, conseguiu ganhar seis medalhas *de ouro*, competindo pela Comunidade de Estados Independentes (CEI, ex-URSS).

Mas uma brasileira já conseguiu gravar seu nome em negrito nas páginas da história da ginástica olímpica: Daiane dos Santos, que, em 2003, executou um exercício de alto grau de dificuldade no solo, o que valeu a primeira medalha de ouro do Brasil em um Mundial e o batismo, pela FIG, daquele movimento com o nome de “Dos Santos”.

– Até 96, a FIG estipulava a série de movimentos que se devia apresentar no campeonato. De certa forma, eram simples, o que tornava as apresentações muito bonitas de se ver, afinal, todos se focavam em fazer aqueles movimentos com perfeição. Hoje, não: com a liberdade de criar sua própria série (não total, claro; existem certos componentes que são obrigatórios; por exemplo: toda coreografia tem de ter salto para frente e para trás), estão todos muito vidrados na dificuldade, dificuldade, dificuldade... Tira um pouco da beleza – diz um saudoso Mion. – Mas nos Torneios Nacionais ainda existem as séries pré-prontas.

Sua mãe, dona Edimar Martins, quem o pôs na ginástica olímpica. O caçula Mion era do tipo traquino quando criança: vivia quebrando as coisas da casa – e se quebrando também.

– Aí minha mãe resolveu me botar nalguma atividade fora de casa, pra ver se eu melhorava.

A opção pela ginástica, que veio junto com a nataçãõ, surgiu porque já havia atletas desta estirpe na família: os primos paulistas Claudia e Marcelo Martins. Mion, que é de 87, começou a treinar em 95, e dois anos depois já começava a competir. Em 2002, quebraria o dedão do pé direito enquanto, imprudentemente, treinava alguns movimentos em casa. Dona Edimar deve ter tido um *déjà vu*.

Às vezes lhe bate uma vontade de abandonar as competições – as *competições*, não o esporte. O motivo principal são as dificuldades de desenvolver a ginástica olímpica em sua cidade

– Aqui, falta investimento, falta apoio. Se no Brasil já não é fácil, imagine em Salvador, onde até o futebol tá na Terceira Divisão... Já tive que me privar de muitas coisas, como viagens do colégio, pra poder competir, e hoje em dia não me sinto tão disposto às vezes. Eu cresci, comecei a gostar de sair mais, estar com meus amigos, e ter que deixar de fazer isso por causa de competições e treinos é um pouco frustrante – desabafa. – Mas me sinto meio em dívida com Luiz. Ele já fez muita coisa por mim. É uma situação complicada, sabe?

O destino de muitos atletas, quando a carreira chega ao fim, é tornarem-se treinadores, como Luiz Eduardo. Mas esta alternativa nunca seduziu Mion.

– Todo mundo achava que eu ia fazer faculdade de educação física. Mas eu escolhi o jornalismo porque sempre gostei de história, geografia, português, e também pelo desejo de ser jornalista esportivo. Agora, pra escrever com seriedade sobre ginástica na imprensa, só indo pra o Rio ou São Paulo, e eu nunca parei para ponderar sobre uma possível mudança. Mas estou descobrindo os prazeres dos outros tipos de textos jornalísticos. Eu gosto muito de escrever – e então ele faz uma pausa, como quem se

prepara para revelar um grande segredo. – Ah, e de teatro também! Eu fiquei na dúvida, na época do vestibular. Mas quero me formar em teatro também. Eu fazia sucesso nas peças da escola. Já fui Chicó [*um dos protagonistas da famosa O Auto da Compadecida, peça de Ariano Suassuna, adaptada para a TV e para o cinema por Guel Arraes*] e Hitler! Inclusive, o pessoal aqui do Colégio Integral me convidou para fazer uma peça, mas os horários de ensaio iriam atrapalhar os treinos.

Assim como muitos estranham saber sobre o medo de pular que um ginasta tem, a gente se surpreende em ouvir sobre essa atração pelos palcos vinda de alguém visivelmente tímido como Mion. Seu tipo é daquele que tem vergonha de levantar a mão na hora da aula, e já corou e escondeu o rosto quando seus colegas de faculdade o aplaudiram após a exibição de umas filmagens de um treino seu. Porém, assim como combate seus medos nos pulos, combate sua timidez.

E em que palco a tensão é maior?

– Nos de teatro, onde eu sou mais inseguro – replica instantaneamente.

Em 19 de agosto de 2005, às vésperas de ingressar na universidade, Mion escreveu no seu falecido blogue pessoal:

Eu sei que a vida de todas as pessoas muda com o passar dos anos, com todo tipo de experiências vividas e tal, mas me pergunto, freqüentemente, se as pessoas precisam mudar também; se EU preciso mudar...

Nunca tive dúvidas quanto à qualidade de meu caráter nem personalidade, mas minha constante insegurança colabora pra que, dentro desse pequeno cérebro, eu pense em mudar o que sou pra agradar a certas pessoas.

Sei que não deveria, mas às vezes fico achando que ainda sou aquela mesma criança da 5ª série. Me sinto infantil às vezes, não devido a algum comportamento meu, e sim mais pela insegurança, como disse antes, e pela maturidade que todos ao meu redor parecem possuir.

Me sinto impotente, em meio a tanta cultura, conhecimento e experiências de vida dos outros. Sinto que não vivi até hoje tudo que poderia ter vivido; não falei o que deveria ter falado; não arrisquei o quanto devia ter arriscado.

O post não espanta. Era a primeira semana de aula de um jovem caseiro e recém-saído de um colégio tradicional como o Colégio São Paulo na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, um ambiente completamente diferente. Em um ano, Mion mudou bastante (“Eu cresci”); mudou a ponto de a angústia das linhas acima não lhe afetarem mais. A única coisa que consegue pensar ao reler seu escrito é ter chegado à maturidade – “a melhor fase de minha vida” – sem os tão comuns surtos de rebeldia na adolescência.

Entretanto, certas coisas nunca mudam. E Mion sente que não conseguiria viver sem a ginástica olímpica, apesar dos pesares.

Os românticos desatentos podem até se decepcionar ao ouvi-lo falar sobre a ginástica olímpica – a atividade que faz a mais tempo, que consome a maior parte do seu tempo e que determina sua agenda – de maneira tão despreziosa e casual. Seria como ouvir um escritor negando as musas, a inspiração, a angústia incessante pela qual seus

personagens fazem-lhe passar, impondo-se em sua mente, atrapalhando sua vida. Ele não tem paixão, não de alegar alguns. Mas está longe de ser a verdade. Além de explosões de paixão não combinarem com o perfil tímido de Mion, é justo nesta simplicidade que reside o amor pela atividade: a ginástica olímpica está tão inserida na sua vida, que ele não tem outra opção senão falar dela com a naturalidade com que qualquer um fala de sua cidade ou família.

Contudo, quem ainda necessitar de explosões, precisa somente assistir a uma apresentação de Mion, e verá a paixão envolvendo-o como uma aura, uma luz nevoenta, que se alastra por todo o ginásio e brilha mais forte a cada cuidadoso movimento que ele faz no ar.

Essa matéria, nunca publicada, foi escrita há um ano. De lá pra cá, Mion deu um tempo na ginástica. Em parte devido ao desânimo que o vinha abatendo quando vislumbrava (melhor dizendo, não vislumbrava) um futuro no esporte; em parte pela ânsia de passar por novas experiências — começou a estagiar na área de comunicação. “Mas já estou morrendo de saudades da ginástica!”, confessa. “Mantenho contato com todos, e sempre que surgir uma folga do estágio ou da faculdade, dou um pulinho lá. Não consigo ficar longe por muito tempo, não.”